

Riscos ocupacionais em fonoaudiólogos de uma unidade hospitalar: um estudo-piloto

Valeriana de C. Guimarães*

Maria A. Barbosa**

Resumo

Este estudo-piloto teve como objetivo investigar os riscos ocupacionais a que estão sujeitos os fonoaudiólogos que atuam em unidade hospitalar. Trata-se de pesquisa transversal, realizada em um hospital escola integrante da rede pública da região centro-oeste do Brasil. A população constituiu-se de 4 fonoaudiólogos que atuam em variados locais do hospital: na realização de exames em ambulatórios, clínicas, maternidade e UTIs neonatal e de adultos. Os fonoaudiólogos entrevistados trabalham na unidade há mais de 7 anos, com formação profissional especializada em sua área de atuação. O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi o questionário que investigava a ocorrência de acidentes e doenças ocupacionais entre os participantes do estudo. Detectou-se a existência de riscos químicos tais como os radioativos físicos a exemplo da lesão por esforço repetitivo (LER), biológicos por meio do contato com fluidos corpóreos, além da violência ocupacional. A preocupação com os acidentes ocupacionais está presente em 100% dos participantes do estudo, uma vez que os resultados demonstraram que todos os entrevistados já sofreram algum tipo de acidente ocupacional. As enfermidades infecto-contagiosas e a LER foram consideradas as doenças com maior probabilidade de ocorrência entre os participantes. Concluiu-se que assim como outros profissionais, os fonoaudiólogos estão expostos a riscos, sendo prevalentes a LER e a violência ocupacional. Este estudo confirma a necessidade da implantação de medidas preventivas como a adoção de exercícios intercalados nos horários de trabalho e estudos no sentido de se buscar alternativas capazes de reduzir as agressões sofridas pelos profissionais na instituição.

Palavras-chave: *doença ocupacional; acidente de trabalho; riscos ocupacionais; lesão por esforço repetitivo.*

Abstract

The aim of this study is to investigate the occupational risks to which speech therapists are exposed in a hospital unit. It is a transversal research realized at a school hospital integrant of the public net of the center west region in Brazil. The population consisted of four speech therapists acting on different places at the hospital: on the realization of examinations in ambulatories, clinics, maternity and adult and neonatal ITUs. The therapists interviewed work at the unit for more than seven years and have specialized professional formation. The instrument used for the data collection was the questionnaire that investigated the occurrence of accidents and occupational diseases among participants of the study. It was detected the

* Fonoaudióloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina/UFG, especialista em Docência Universitária UEG; responsável pelo Serviço de Audiologia do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás. ** Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora titular da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás.

existence of chemical risks such as with radioactivity, physical risks such as repetitive strain injury (RSI), biological risks as the contact with corporeal fluids, beyond the risks with occupational violence. All the participants of the study (100%) are concerned with the risks of occupational accidents, since the results showed that all the interviewed had already suffered some kind of occupational accident. The infections contagions illness and RSI were considered the disease with the higher probability of occurrence among the participants. It was concluded that as well as other professionals, the speech therapists are exposed to risks with the prevalence of RSI and of occupational violence. This study confirms the necessity of the implantation of preventive measures such as the adoption of exercises inserted between working hours and of studies on the direction of searching alternatives capable of reducing aggressions suffered by professionals.

Keywords: occupational disease; work accident; occupational risks; Repetitive Strain Injury.

Resumen

El estudio-piloto tuvo como objetivo investigar los riesgos ocupacionales a que están sujetos los fonoaudiólogos que actúan en unidad hospitalaria. Se trata de una investigación transversal, realizada en un hospital-escuela que forma parte de la red pública de la región centro oeste de Brasil. La población se constituyó de fonoaudiólogos que actúan en varios sectores del hospital: en la realización de exámenes en ambulatorios, clínicas, maternidad y en la unidad de terapia intensiva neonatal y de adultos. Los fonoaudiólogos entrevistados trabajan en la unidad hace más de 7 años, con formación profesional especializada en su área de actuación. El instrumento utilizado para la coleta de los datos fue el cuestionario que investigaba sobre la ocurrencia de accidentes y enfermedades ocupacionales entre los participantes del estudio. Se detectó la existencia de riesgos químicos tales como los radioactivos físicos a ejemplo de la lesión por esfuerzo repetitivo (LER), biológicos por medio del contacto con fluidos corporales, además de la violencia ocupacional. La preocupación con los accidentes ocupacionales está presente en 100% de los participantes del estudio, una vez que los resultados demostraron que todos los entrevistados ya sufrieron algún tipo de accidente ocupacional. Las enfermedades infecto-contagiosas y la lesión por esfuerzo repetitivo fueron consideradas las enfermedades con mayor probabilidad de ocurrencia entre los participantes. Se concluyó que, así como otros profesionales, los fonoaudiólogos están expuestos a riesgos, siendo prevalentes la lesión por esfuerzo repetitivo y la violencia ocupacional. Este estudio confirma la necesidad de la implantación de medidas preventivas como la adopción de ejercicios intercalados en los horarios de trabajo y estudio para buscar alternativas capaces de reducir las agresiones sufridas por los profesionales en la institución.

Palabras claves: enfermedad ocupacional; accidente de trabajo; riesgos ocupacionales; lesión por esfuerzo repetitivo.

Introdução

O trabalho enriquece e engrandece o homem, dando-lhe dignidade, proporcionando-lhe vários benefícios. Porém, em algumas situações, o trabalho torna-se prejudicial à saúde, trazendo conseqüências inimagináveis para a vida, desde danos físicos a mentais. O cuidado com a saúde do trabalhador vem ganhando espaço e cresce a cada dia, pois seus efeitos refletem tanto no profissional quanto no ambiente em que este trabalha.

Cabe ao Sistema Único de Saúde – SUS garantir assistência à saúde, desenvolver ações de promoção, proteção e recuperação da saúde dos trabalhadores expostos aos riscos de adoecer (Lei 8080/90 – Ministério da Saúde, 1990).

O hospital é considerado o principal local onde atuam os profissionais da área da saúde (Souza, 1994). Pela própria natureza, condições e métodos de trabalho nele existentes, os hospitais são considerados insalubres, com maior variedade de riscos e danos ocupacionais se comparados aos demais

locais onde os profissionais de saúde desenvolvem suas atividades. Bulhões (1994) questiona que, se existem certos riscos para os pacientes que ali permanecem alguns dias, quais seriam os riscos e as conseqüências para os trabalhadores que permanecem diariamente nesse ambiente? “Ao trabalhador é garantido o direito à saúde e condições dignas e saudáveis de trabalho” (Cartilha – Secretaria de Estadual da Saúde, 2006, p. 2).

Souza (2000) classifica os riscos ocupacionais nos serviços de saúde em: químicos, físicos e biológicos, sendo que a exposição a substâncias tóxicas que causam danos ao organismo está ligada aos riscos químicos.

Os riscos físicos podem estar associados à carga física e à postura, enquanto os sinais e sintomas dependerão do tempo e grau dessa exposição. Merlo et al. (2001) revelam que, dentre os riscos físicos, a doença ocupacional mais comum é a lesão por esforço repetitivo – LER, definida como uma doença de origem ocupacional que pode afetar o sistema músculo-esquelético, ligamentos, tendões, nervos de forma isolada ou associada, com ou sem degeneração de tecidos, comprometendo membros superiores, escápula e pescoço (Merlo et al., 2001; Brasil, 1997).

Guimarães et al. (2005) evidenciaram que, nos serviços de saúde, devido à peculiaridade das atividades dos profissionais, geralmente as mãos são as partes do corpo mais usadas e, portanto, mais susceptíveis a doenças ocupacionais como tendinites, luxações, entre outras.

A contaminação com material biológico como sangue e secreções está relacionada aos riscos biológicos. Souza (2000), Jorge et al. (2000) e Rodrigues et al. (1990) verificaram que esses riscos são considerados os acidentes mais comuns dentro do ambiente hospitalar, pois no seu dia-a-dia o trabalhador está continuada e potencialmente exposto aos riscos dessa natureza, uma vez que doente e doenças variadas estão presentes. Nos acidentes biológicos, os riscos não são totalmente eliminados mesmo com o uso de protetores individuais como demonstram Lymer et al. (1997).

A insatisfação no trabalho, a desvalorização profissional, a sobrecarga mental decorrente de toda a carga exigida, a pressão e concentração no trabalho, as alterações no quadro do paciente, além do convívio com o sofrimento e a morte são

outros riscos que rodeiam os profissionais de saúde como mostram Mauro et al. (2004) e Siqueira et al. (1995).

Cezar e Marziale (2006) e Minayo (2000) observaram que a violência ocupacional exerce papel de destaque, configurando-se como uma situação preocupante e freqüente em serviços de saúde. Essas agressões trazem resultados desastrosos aos trabalhadores, incluindo desde danos físicos, estresse, depressão, perda da auto-estima até prejuízo à assistência prestada.

Um estudo de Junior (2004), em unidade de pronto-socorro na cidade de Belo Horizonte, demonstrou que 83,3% dos profissionais de saúde entrevistados relataram ter sido vítimas de violência ocupacional. A personalidade e individualidade do profissional, a estrutura física e o ambiente de trabalho, bem como os aspectos psico-sócio-econômicos do cliente são elementos que podem influenciar na violência ocupacional (Machado e Gómez, 1994; National Institute for Occupational Health, 2006).

A Fonoaudiologia é uma ciência que tem como objeto de estudo a comunicação humana no que se refere ao seu desenvolvimento e aperfeiçoamento. O fonoaudiólogo atua na promoção à saúde, prevenção, avaliação e diagnóstico, orientação, terapia e aperfeiçoamento dos distúrbios envolvidos na função auditiva, linguagem oral e escrita, voz, funções orofaciais e na deglutição, exerce ainda atividades administrativas de ensino e pesquisa (CFF 2006).

Os locais de atuação da Fonoaudiologia são amplos e abrangem desde consultórios, clínicas, hospitais, creches, escolas, prefeituras, veículos de comunicação, indústrias, centros auditivos, empresas de telemarketing e em programas de saúde coletiva e de saúde mental (CFF/7ª Região 2006).

A literatura é vasta quando o assunto é saúde do trabalhador, sendo encontradas inúmeras pesquisas nas mais variadas áreas da saúde. Entretanto, na Fonoaudiologia não foram identificados estudos semelhantes.

O objetivo deste estudo-piloto foi investigar os riscos ocupacionais a que estão sujeitos os profissionais fonoaudiólogos que atuam em unidade hospitalar.

Material e métodos

Esta pesquisa trata-se de um estudo-piloto exploratório, realizado na Seção de Fonoaudiologia do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás – HC/UFG, na cidade de Goiânia, no mês de dezembro de 2006.

A história do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás é coerente com a história das instituições públicas de saúde e educação no Brasil. Fundado pelo estado de Goiás em janeiro de 1962, recebeu o nome de Hospital Geral Pedro Ludovico. O nome Hospital das Clínicas passou a ser adotado, ainda na década de 60, quando a área e o patrimônio de estado foram transferidos para a Universidade Federal de Goiás (UFG 2008).

Atualmente, a estrutura física do HC é composta por ambulatórios, clínica cirúrgica, médica e pediátrica, maternidade, pronto socorro, centro cirúrgico e Unidades de Terapia Intensiva adulta e neonatal, laboratórios de análises clínicas, serviços de imagens, além de oferecer os mais variados tipos de exames. Em sua totalidade, o hospital disponibiliza 310 leitos, distribuídos nas diversas clínicas. Nessa unidade são atendidos pacientes procedentes da região de Goiânia, cidades circunvizinhas, além de outros estados (UFG 2008).

O Hospital das Clínicas consiste no único hospital público federal universitário de grande porte do estado, conveniado ao Sistema Único de Saúde. A instituição possui as mais diversas especialidades, dentre as quais a Fonoaudiologia, desde 1998.

A população investigada nesta pesquisa constituiu-se de quatro fonoaudiólogos que trabalham, em regime de escala, em variados locais do hospital, com experiência superior a sete anos dentro dessa instituição. A carga horária de cada um totaliza 40 horas semanais. Atuam na reabilitação de pacientes nas áreas de linguagem oral, voz e motricidade orofacial, assim como na realização de exames auditivos e de imagem (videodeglutograma) e no desenvolvimento de atividades em ambulatórios, clínicas, maternidade e Unidade de Terapia Intensiva de neonatos e adultos.

Ser fonoaudiólogo e atuar/trabalhar nesta unidade hospitalar foram os critérios utilizados para inserção no referido estudo. Todos os fonoaudiólogos do hospital foram convidados e participaram do estudo. Atualmente, a Seção de Fonoaudiologia do HC/UFG conta com quatro fo-

noaudiólogos especialistas em sua área de atuação: três na área de fonoaudiologia clínica (motricidade oral, fonoaudiologia hospitalar) e um na área de audiologia clínica. A especialização em Docência Universitária faz parte do currículo de dois dos fonoaudiólogos entrevistados.

Os dados foram coletados por meio da aplicação de questionário elaborado pelas autoras contendo questões abertas e avaliou basicamente quatro parâmetros: a ocorrência de algum tipo de acidente ocupacional, os acidentes ocupacionais aos quais o profissional se julga exposto, as prováveis doenças ocupacionais que podem acometer sua atividade e a utilização de algum tipo de equipamento de proteção individual. O instrumento foi aplicado pelas pesquisadoras na própria seção.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Humana e Animal do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás sob protocolo nº. 153/06. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados

Entre os fonoaudiólogos participantes do estudo, três (75%) são do gênero feminino e um (25%) do gênero masculino e trabalham no hospital há mais de 7 anos, com formação profissional especializada na área de atuação.

Três (75%) dos profissionais entrevistados atuam em mais de um local dentro da instituição, realizando atendimento no ambulatório, clínica cirúrgica, médica e pediátrica, maternidade, pronto-socorro e nas UTIs neonatal e adulto, desenvolvendo atividades nas áreas de linguagem oral, voz e motricidade orofacial. Um dos participantes (25%) atua na realização de exames auditivos, possibilitando o atendimento à população, conforme explicitado no Quadro 1.

A preocupação com os acidentes ocupacionais está presente em 100% dos fonoaudiólogos participantes do estudo. Eles se referem à exposição aos riscos biológicos existentes durante contato com o paciente. Três (75%) ponderaram a exposição aos riscos físicos. A violência ocupacional foi citada por três (75%) dos entrevistados. Dois (50%) relataram exposição aos riscos químicos, citando o material radioativo durante a realização de exames como videodeglutograma, como mostrado a seguir (Quadro 2)

Quadro 1 – Áreas de atuação

| Áreas de atuação | Quantidade de indivíduos | Frequência Relativa (%) |
|---|--------------------------|-------------------------|
| Fonoaudiologia clínica (voz, linguagem, motricidade orofacial)* | 03 | 75 |
| Audiologia clínica | 01 | 25 |
| Total | 04 | 100 |

* Atendimento nas clínicas e UTIs.

Quadro 2 – Riscos ocupacionais mais freqüentes

| Tipos de riscos ocupacionais | Percentual (%) |
|------------------------------|----------------|
| Riscos biológicos | 100 |
| Riscos físicos | 75 |
| Violência ocupacional | 75 |
| Riscos químicos | 50 |

Os resultados demonstraram que quatro (100%) dos entrevistados já sofreram algum tipo de acidente ocupacional, sendo que três (75%) deles relataram ter sofrido mais de um acidente. Do total, três (75%) sofreram agressões verbais e/ou corporais, dois (50%) apresentaram LER e a contaminação com material biológico (*stafilococia*) foi mencionada por um (25%) dos fonoaudiólogos, o que pode ser observado no Quadro 3.

Quadro 3 – Acidente ocupacional sofrido

| Tipo de acidente ocupacional sofrido | Percentual (%) |
|--|----------------|
| Agressões verbais e/ou corporais | 75 |
| LER | 50 |
| Contaminação biológica (<i>stafilococia</i>) | 25 |

A LER e as enfermidades infectocontagiosas foram citadas como as doenças ocupacionais com maior probabilidade de ocorrência entre os entrevistados. Um (25%) dos participantes relatou a predisposição à perda auditiva induzida pelo ruído (PAIR). Um (25%) dos fonoaudiólogos citou o estresse mental e físico, além de outros distúrbios orgânicos e psicoemocionais ocasionados pelo trabalho, como demonstra o Quadro 4.

Quadro 4 – Prováveis doenças ocupacionais em sua atividade

| Prováveis doenças ocupacionais | Percentual (%) |
|---------------------------------|----------------|
| LER | 100 |
| Doença infectocontagiosas | 100 |
| PAIR | 25 |
| Outros transtornos ao organismo | 25 |

Cem por cento dos entrevistados utilizam algum tipo de equipamento de proteção individual. Foram destacados o uso de jaleco manga longa, luvas, máscaras, capotes, gorros, avental, óculos de proteção e avental de chumbo, este último durante a realização de exames com material radioativo.

Discussão

A limitação do presente estudo é evidenciada pelo fato de a investigação ter sido realizada em um único hospital, com um número reduzido de participantes, entretanto, explicita os riscos ocupacionais mais freqüentes a que estão expostos um grupo de fonoaudiólogos que atua em unidade hospitalar de alta complexidade, danos esses inerentes à sua atividade, podendo esses dados oferecer subsídios para novos estudos sobre a temática.

A inquietação com os acidentes ocupacionais de natureza biológica, química e física é constante na vida dos fonoaudiólogos entrevistados. Eles destacam os acidentes biológicos a que estão sujeitos, principalmente por meio do contato direto com saliva, secreções e sangue, que podem ocorrer durante a manipulação dos pacientes. Fazem também referência à exposição aos agentes químicos (material radioativo) ocasionada durante a realização de exames de imagem da deglutição. Em relação aos riscos físicos, apontam as lesões por esforços repetitivos e a postura física inadequada como as mais freqüentes. A grande maioria também referiu a violência ocupacional como risco prevalente.

Os fonoaudiólogos que exercem suas funções em unidades hospitalares estão freqüentemente expostos a riscos ocupacionais semelhantes aos demais profissionais que atuam nesses ambientes, uma vez que os dados encontrados pouco diferem dos estudos de Guimarães et al. (2005), Lymer et al. (1997), Cezar e Marziale (2006), Minayo (2000), Junior (2004), Machado e Gomez (1994), que apontam os riscos biológicos, físicos, químicos, além das violências ocupacionais comuns em unidades de saúde.

Em uma instituição pública, o número de atendimentos é grande, o que pode levar ao aparecimento de determinadas doenças ocupacionais. Os movimentos repetitivos com as mãos no momento da realização de exames auditivos ou durante manipulação e/ou estimulação orofacial com paciente na terapia, fazem da LER uma companheira indesejável, porém constante. Esses resultados estão condizentes com o descrito por Guimarães et al. (2005) que relatam ser as mãos as partes do corpo mais usadas por profissionais da saúde, o que as tornam mais suscetíveis à LER.

As agressões verbais ou físicas no ambiente de trabalho, por parte dos acompanhantes ou do próprio paciente, foram mencionadas pela maioria dos participantes. Esse tipo de acidente pode trazer prejuízos aos profissionais, acarretando conseqüências na sua vida pessoal e profissional. Esses achados confirmam as pesquisas de Cezar e Marziale (2006), Minayo (2000), Junior (2004), que observaram ser a violência ocupacional algo freqüente e preocupante em ambiente hospitalar.

Como em toda instituição pública, a demanda por atendimentos é grande, conseqüentemente, há filas e esperas que geram insatisfação no usuário, o que, aliado à sua personalidade, desencadeia os comportamentos agressivos.

A contaminação com material biológico (*stafilococcia*) esteve presente entre os profissionais. De acordo com Souza (2000), Jorge et al. (2000); Rodrigues et al. (1990) os riscos biológicos são considerados os acidentes mais comuns dentro do ambiente hospitalar.

Todos os fonoaudiólogos apontaram a LER (devido aos movimentos repetitivos realizados com as mãos), assim como a aquisição de doenças infectocontagiosas (durante o atendimento e manipulação do paciente), como acidentes ocupacionais de maior probabilidade de ocorrência. A PAIR também foi mencionada devido à insalubridade

acústica existente no ambiente de trabalho, em decorrência do transporte de pacientes, dos carrinhos com roupas para lavanderias e transporte de mercadorias nos corredores do hospital, ruídos provocados pela entrada e saída de funcionários, estudantes, visitantes e acompanhantes.

Os entrevistados destacaram ainda o estresse mental e físico, insônia, distúrbios gástricos entre outros, como decorrentes da própria atividade que exercem.

Todas as doenças ocupacionais apontadas pelos participantes do estudo são freqüentes em hospitais, como descrevem autores como Guimarães et al. (2005), Souza (2000), Jorge et al. (2000), Rodrigues et al. (1990), Mauro et al. (2004), Siqueira et al. (1995), Cezar e Marziale (2006), Minayo (2000), Junior (2004).

A utilização de algum tipo de equipamento de proteção individual foi evidenciada em todos os entrevistados, os quais relataram a utilização desses equipamentos de acordo com o paciente atendido e o tipo de procedimento realizado. Foram destacados também o uso de jaleco manga longa, luvas, máscaras, capotes, gorros, avental, óculos de proteção e avental de chumbo, este último durante realização de exames de imagem da deglutição por meio de material radioativo.

No momento da coleta de dados, os participantes do estudo relataram que, durante sua formação, não estavam preparados para lidar com os acidentes ou riscos a que estão expostos, pois durante a graduação não foram contemplados com disciplinas que abordassem tal assunto. Na pós-graduação receberam informações de biossegurança, mas ressaltaram que conhecimentos mais aprofundados foram adquiridos no próprio hospital. Entretanto, no questionário não havia questões que abordassem a formação profissional.

Conclusão

Os fonoaudiólogos participantes do estudo percebem e se preocupam com os perigos à sua saúde e cada entrevistado foi capaz de reconhecer e identificar os riscos aos quais está exposto de acordo com a atividade que exerce.

O grupo de fonoaudiólogos estudado está sob riscos ocupacionais e esses não diferem dos riscos a que estão submetidos os demais profissionais de saúde que trabalham em unidades hospitalares

(Jorge et al. (2000), Guimarães et al. (2005), Cezar e Marziale (2006), Junior (2004)).

As agressões ou violências ocupacionais, provocadas por pacientes e acompanhantes são frequentemente sofridas pelos fonoaudiólogos. A LER também foi apontada como risco ocupacional presente no cotidiano dos participantes do estudo.

Essas injúrias ocupacionais podem afetar a capacidade produtiva do profissional comprometendo não só sua atividade no trabalho, mas também sua vida diária.

Recomendam-se estudos no sentido de se buscarem alternativas capazes de minimizar os riscos, bem como reduzir as agressões sofridas pelos profissionais na instituição, além da divulgação entre a classe profissional e esclarecimentos aos graduandos sobre os riscos ocupacionais que permeiam a profissão.

Agradecimentos

Aos fonoaudiólogos da Seção de Fonoaudiologia do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, pela participação no estudo, à Fga Maria Aparecida do Divino Espírito Santo Reis Viana e à Fga Ms. Larissa Seabra Toschi.

Referências

- Brasil. Ministério da Previdência Social. Normas Técnicas sobre Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho. Brasília: Diário Oficial da União; 1997.
- Brasil. Ministério da Saúde. Lei nº 8.080/90. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União 1990.
- Bulhões I. Riscos do trabalho da enfermagem. Rio de Janeiro: 1994.
- Cartilha. A saúde do trabalhador no Sistema Único de Saúde: o que você precisa saber sobre. Arquivos do Departamento de Vigilância Sanitária Municipal. Goiânia: 2006.
- Cezar ES, Marziale MHP. Problemas de violência ocupacional em serviço de urgência hospitalar da cidade de Londrina, Paraná, Brasil. Cad. Saúde Pública 2006; 22,1
- Conselho Federal de Fonoaudiologia. <http://www.fonoaudiologia.org> (acessado em 06/out/06).
- Conselho Federal de Fonoaudiologia. <http://www.fonoaudiologia.org>: 7ª Região (acessado em 06/out/06).
- Guimarães RM, Mauro MYC, Mendes R, Melo AO, Costa TF. Fatores ergonômicos de risco e de proteção contra acidente de trabalho: um estudo caso-controle. Rev. Bras. Epidemiol 2005; 8,3.
- Jorge R et al. Acidente biológico em hospital universitário. Rev. Méd. Hosp. São Vicente de Paula 2000; 11(26): 19-22.

Junior EAS. Vítimas da violência no trabalho: retrato da situação dos médicos das unidades de pronto atendimento 24h da Prefeitura de Belo Horizonte [Dissertação de Mestrado]. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais; 2004.

Lymer UB, Schütz AA, Isaksson B. A descriptive study of blood exposure incidents among healthcare workers in university hospital in Sweden. J Hosp Infect 1997; 35:235-35.

Machado JMH, Gomez CM. Acidentes de trabalho: uma expressão da violência social. Cad Saúde Pública 1994; 10 (Suppl 1):74-87.

Mauro MYC, Guimarães RM, Muzi CD, Mauro CCC. Riscos ocupacionais em saúde Rev. de Enfermagem UERJ 2004; 12: 316-22.

Merlo ARC, Jacques MGC, Hoefel MGL. Trabalho de grupo com portadores de Ler/Dort: Relato de experiência. Psicol. Reflex. Crit. 2001; 14,1.

Minayo MCS. Violência como indicador de qualidade de vida. Acta Paul Enfermagem 2000; 13:159-80.

National Institute for Occupational Health/Centers for Disease Control and Prevention. Violence occupational hazards in hospitals. <http://www.cdc.gov/niosh/2002-101.html> (acessado em 06/out/06).

Rodrigues D, Montes JA, Laitano G, Arivaldir BO. Insalubridade nos serviços de saúde: um conceito fora de seu próprio tempo. Rev. HPS 1990; 36: 29-31.

Siqueira MM, Watanabe FS, Ventosa A. Desgaste físico e mental de auxiliares de enfermagem: uma análise sob o enfoque gerencial. Rev. Latino-Am. de Enfermagem 1995; 3: 45-57

Souza M. Conhecimentos e aplicação das precauções universais pelos elementos da equipe de enfermagem de um hospital governamental [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Escola Paulista de Medicina; 1994.

Souza M. Controle de riscos nos serviços de saúde. Acta Paul Enfermagem 2000; 13: 197-202.

Universidade Federal de Goiás. <http://www.hc.ufg.br/sobrehc.html> (acessado em 12/fev/08).

Recebido em fevereiro/07; aprovado em março/08.

Endereço para correspondência

Valeriana de Castro Guimarães
Rua 233, Nº 553, Setor Universitário,
Goiânia, GO, CEP 74605-120

E-mail: guimaraesvc@bol.com.br